Os idosos…

Agora velhos, inválidos, curvados com o peso da idade e dos anos, perdeu-se todo o vigor das nossas energias e muitos já não podem assumir os compromissos do dia-a-dia.

Enfraquecidos, trémolos, apoiados ao nosso cajado, com muito custo lá nos vamos arrastando e movendo, anunciando em cada dia que passa a nossa última Páscoa.

São muitos os que nesta fase carecem de ajuda, de amparo, de quem os conforte, de quem lhes dê carinho e um pouco de calor humano. Na falta de tudo isto, muitos recorrem aos lares de acolhimento e Centros de Dia, à procura de quem os receba, os acolha e lhes dê o abraço de boas vindas.

É isso que faz o Centro de Dia do Complexo Paroquial de Mangualde, que os acolhe, os protege e cuida. Muitos passam lá o dia em convívio, enquanto que a outros lhes é levada ao domicílio a principal refeição.

Com este apoio já se pode estar e viver mais descansado todas as Páscoas que nos restam, sem que sintamos a falta de uma refeição quente que nos alimente, nos aqueça o corpo e fortifique a alma.

Os filhos têm o sagrado dever de cuidarem dos seus pais, de lhes dar o necessário apoio, só que as suas vidas e afazeres, por vezes não o permitem, e outros não querem assumir esse encargo. Assim:

Fica-se desamparado

E quase que esquecido

Vive-se numa escuridão,

É como andar perdido.

Falta quem nos dê a mão.

Vai um para cada lado,

Cada qual trata de si.

Quando se perde o melhor bem

A vida é solitária,

É o fim que a gente tem.

Não desprezem os velhinhos

Que têm pouca lucidez,

Alguns já mal podem andar,

Também chega a vossa vez.

Ela não vos vai poupar,

Vai bater à vossa porta,

Para vos visitar,

Vai chegar a qualquer hora.

E quando menos se contar,

Vem fazer-vos companhia,

Para vos atormentar.

Quase nem se dá por ela,

Mas com os anos a passar,

Vai-nos encurtando a vida.

E a saúde nos tirar.

E para nosso desgosto,

Já traz consigo as rugas,

Para nos colocar no rosto.

Isso é uma certeza,

Não a podemos evitar,

Mesmo pondo-nos à defesa.

Nem um sorriso alegre

Ela nos deixa expressar,

E toda a felicidade

A velhice nos vem tirar.

De nós não tem compaixão,

Temos mesmo de a aceitar.

A juventude passou

Quase sem se notar

E já todos nós sabemos,

Que a velhos vamos chegar.

O tempo tudo nos levou

Com a vida a desandar.

Ainda o Centro de Dia

Eu quero inaltecer

É uma dádiva de Deus

Que nos ajuda a viver.

Quero dar-lhes o meu louvor,

É esse o meu dever,

Somos como uma família,

A fazermos amizade,

Para melhor vida se ter.

Com a ajuda que nos dão,

A vida sofre mudanças.

E com a graça de Deus

Renovam-se as nossas esperanças.

O Centro é uma riqueza,

De onde muito nos vem,

Acaba-se a nossa pobreza,

Com este tão grande bem.

Aos que passam lá o dia

Não lhes deixam faltar nada,

Têm sempre a mesa posta

E a roupinha lavada.

Aos que estão nas suas casas,

Muito bem atendidos são,

É-lhes levada ao domicílio

A principal refeição.

À casa fazem limpeza,

Com uma vontade tamanha,

A deixam uma beleza.

Temos ainda outro bem

Que a gente nem esperava,

Toda a roupa da semana

Lá também nos é lavada.

Muito bem arranjadinha,

A ferro muito bem passada.

O trabalho que lá fazem

É feito com muito brio,

As pessoas que o fazem

Merecem um elogio.

Lavam-nos também a louça

E limpam também o pó,

Fazem-nos os recados,

Tudo isso e não só.

As senhoras ao serviço

São de uma extrema dedicação,

Tratam-nos com muito carinho,

A nada dizem que não.

Resolvem-nos os problemas,

Logo na ocasião.

Os utentes são bem cuidados.

Quando se sentem mal,

Lavam-nos à consulta

E até ao hospital.

Dão-lhes toda a assistência

Para os aliviar,

Como me dizia a Dona Tânia

Algum tempo já passado,

“Esta é uma casa sagrada”

Quem vem para cá doente,

Depressa fica curada.

Mas isto é para os que têm sorte

Que desfrutam cá de um bom bocado.

Os que a não têm

Esticam o pernil

E tombam para o lado.

Dizem adeus à vida,

Não dão mais conta do recado.

Fazem companhia à morte,

E tocam ao rasgado.

António Rocha Barra

(Utente do Serviço de Apoio Domiciliário)